

# Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês (L2): uma análise variacionista

Rubens Marques de Lucena

UFPB

Ubiratã Kickhöfel Alves

UCPel



**RESUMO** – Este estudo tem por objetivo verificar, na aquisição fonológica do inglês como L2, as implicações de um fenômeno variável em um dado dialeto da L1 (no caso em questão, o Afrouxamento da Condição de Coda (BISOL, 1999)), bem como os efeitos de diferentes dialetos da L1 em direção ao sistema de L2. Para isso, partimos da hipótese inicial de que a produção variável da obstruinte em coda no português pode exercer um fator facilitador na aquisição de palavras do inglês. O estudo contou com dados de produção de L1 e L2 obtidos de falantes do Sul do Rio Grande do Sul e da Paraíba, que caracterizam dialetos de português bastante distintos. Os dados coletados foram estratificados em quatro variáveis independentes (dialeto, tipo de segmento perdido em coda, tonicidade e sexo) e, em seguida, submetidos a uma análise estatística pelo software Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005). Os resultados revelaram uma diferença relevante entre os índices de epêntese na L1 encontrados no Rio Grande do Sul e na Paraíba. No que diz respeito a L2, foram observados baixos índices de epêntese, demonstrando que, pelo menos na aquisição dos padrões silábicos da língua-alvo, tais aprendizes já exibem um sistema de interlíngua bastante diferente do de L1.

**Palavras-chave:** Afrouxamento da condição de coda; Variação linguística; Aquisição de L2

**ABSTRACT** – This paper aims to verify, in the phonological acquisition of English (L2), the implications of a variable phenomenon of an L1 dialect (Coda Condition Weakening (BISOL, 1999)), as well as the effects of different L1 dialects on the L2 system. We have framed the initial hypothesis that the variable production of obstruents in coda in Portuguese would act as a facilitator in the acquisition of English words. The study was based on L1 and L2 data obtained from subjects from the Southern part of Rio Grande do Sul and from Paraíba, which constitute different Brazilian Portuguese dialects. The data were organized in four independent variables (dialect, type of consonant, stress and sex) and, then, and statistically analyzed, using Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE and SMITH, 2005). The results revealed significant differences between the number of epenthesis in L1 found in Rio Grande do Sul and in Paraíba. As far as L2 is concerned, not many tokens of epenthesis have been found, which seems to attest that, at least in the acquisition of the target language syllable patterns, those learners already exhibit an interlanguage grammar fairly different from the one found in L1.

**Keywords:** Coda condition weakening; Linguistic variation; L2 acquisition

---

## Introdução

No que diz respeito à aquisição fonológica de segunda língua, há um consenso, entre os pesquisadores da área (BROSELOW et al., 1998; PATER, 1997; HANCIN-BHATT e BHATT, 1998; DAVIDSON et al., 2004), de que o estágio inicial da aquisição é o sistema gramatical da L1. Nesse sentido, a chegada até um sistema que leve a produções semelhantes às da língua-

alvo se mostra plenamente dependente da língua materna. Entendemos, dessa forma, por que aprendizes de sistemas de L1 diferentes apresentam dificuldades distintas ao lidar com o conjunto de sons da L2, bem como se valem de estratégias diferentes para “adaptar” o padrão da L2 a um mais próximo da primeira língua.

Considerada a importância do sistema da L1 na investigação da caminhada dos aprendizes até a L2, fica claro o fato de que a pesquisa em aquisição de

L2 passa, necessariamente, pela verificação e análise teórica do sistema de L1 dos aprendizes. Nesse sentido, questionamentos precisam ser feitos a respeito de fenômenos variáveis na L1, e as implicações de tal variação na aquisição da língua-alvo. Devemos questionar se a produção variável, em língua materna, de uma dada estrutura existente na L2 exerce efeitos sobre as estratégias de reparo adotadas pelos aprendizes na caminhada em direção à aquisição plena dessa forma-alvo.

Ainda que já seja reconhecida a importância do sistema do português na aquisição fonológica de L2 por brasileiros, sentimos uma carência de esclarecimentos mais detalhados a respeito da variedade do português brasileiro (PB) falada pelos aprendizes de L2. Nesse sentido, ao traçarmos a trajetória do aprendiz rumo à L2, julgamos pertinente investigar as possíveis implicações de diferenças referentes ao dialeto da L1 no processo de aquisição fonológica. Ainda que tal questão se mostre de grande importância, não encontramos, no cenário de pesquisas em aquisição fonológica de L2 desenvolvidas em nosso país, uma preocupação com tal tema de investigação.

O presente trabalho visa justamente a contemplar os dois aspectos acima discutidos, ao verificar, na aquisição fonológica do inglês como L2, as implicações de um fenômeno variável em um dado dialeto da L1 (variação intradialetal), bem como os efeitos de diferentes dialetos da L1 em direção ao sistema de L2 (variação interdialeto). Através do presente estudo, pretendemos apontar as consequências, em termos empíricos, decorrentes desses dois tipos de variação no português brasileiro, através de um trabalho de análise de caráter variacionista.

O fato fonológico que nos permitirá verificar os efeitos dos dois tipos de variação da L1 na aquisição da L2 será o fenômeno de Afrouxamento de Condição de Coda (cf. BISOL, 1999). O português brasileiro apresenta um inventário de coda limitado. No que diz respeito às obstruintes, /s/ é a única consoante que é permitida na posição final de sílaba. Os segmentos /f/, /p/, /t/ e /k/ não ocorrem em posição final de palavras, sendo a epêntese a estratégia utilizada pelos falantes de nossa língua para satisfazer essa proibição. Como ilustração, podemos citar acrônimos do português brasileiro tais como MEC e MASP, produzidos como [meki] e [maspi], respectivamente. O mesmo fenômeno pode ser observado nas tentativas de produção de palavras do inglês encerradas em obstruintes, tais como ‘cap’ (produzida como [kɛpi] pelos aprendizes brasileiros) ou ‘back’ (produzida como [beki]). A epêntese é a estratégia característica dos primeiros estágios de aquisição da L2, conforme aponta a literatura da área (SILVEIRA, 2004; ZIMMER, 2004; BAPTISTA e SILVA-FILHO, 2006; ALVES, 2008; ZIMMER, SILVA-FILHO e ALVES, 2009).

O estudo de Hora, Lucena e Pedrosa (2009), sobre a epêntese na aquisição de codas mediais e finais com obstruintes na L2, realizado com falantes cujo dialeto materno era o paraibano, mostra um total de 698 tokens, dentre os quais 230 eram de epêntese e 468 de realização da coda. Nesse estudo, observou-se que as variáveis *tipo de coda* (medial e final), *modo de articulação da coda* (vibrante, lateral, fricativas e oclusivas), *nível de monitoramento* (lista de palavras, entrevista), e *proficiência no idioma* (básico e intermediário) foram as variáveis estatisticamente relevantes selecionadas pelo programa Goldvarb X. Embora não seja intuito deste artigo contrastar nossos resultados com os dados apontados pelos autores acima, utilizamo-nos também das conclusões a que chegou a pesquisa de Hora, Lucena e Pedrosa (2009), visto que é um dos trabalhos que versam sobre variação linguística e aquisição de L2, tendo por base o dialeto da Paraíba.

Já em posição não-final, de acordo com Bisol (1999), a fricativa /f/ e as plosivas /p/, /t/ e /k/ podem ocorrer variavelmente em coda, o que caracteriza o Afrouxamento de Condição de Coda (ACC). Conforme aponta Collischonn (2002), tal fenômeno ocorre variavelmente com falantes das cidades de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Em palavras como ‘rap.to’, os seguintes padrões variáveis podem ser encontrados: [ˈrap.tu] ~ [ˈra.pi.tu]. Não há registro, na literatura da área, de estudos voltados à investigação de tal fenômeno entre falantes da cidade de Pelotas (RS) ou no dialeto falado na região do Brejo da Paraíba.

Com relação aos efeitos do ACC na aquisição do inglês como L2, acreditamos, em consonância com Pereyon (2008), cujo estudo centrou-se nos dados de aprendizes porto-alegrenses de inglês, que a produção variável da obstruinte em coda no português pode exercer um fator facilitador na aquisição de palavras do inglês tais como *captain*, que apresentam a plosiva labial em posição medial. Fica clara, assim, a necessidade de um estudo de larga escala que se volte para a investigação não somente dos índices de produção variável de obstruintes em coda na L1, mas, também, da relação entre tais índices com a taxa de produção de epêntese na aquisição das codas de obstruintes da L2.

Para verificarmos as implicações de diferentes dialetos da L1 na aquisição da L2, verificaremos os dados de produção de L1 e L2 obtidos de falantes da Região Sul do Rio Grande do Sul (Pelotas e cidades vizinhas) e da Região do Brejo da Paraíba (cidade de Guarabira e municípios vizinhos)<sup>1</sup>, que caracterizam dialetos de

<sup>1</sup> A região paraibana do Brejo abrange um território de aproximadamente 3.000 km<sup>2</sup> e tem, em sua composição, as seguintes cidades: Alagoa Grande, Alagoinha, Araçagi, Belém, Caiçara, Cuitegi, Duas Estradas, Guarabira, Gurinhém, Ingá, Itatuba, Juarez Távora, Lagoa de Dentro, Mulungu, Pilõesinhos, Serra da Raiz e Serra Redonda. Destas cidades, a maior é Guarabira, que funciona como pólo local, e que fica a 90 km de João Pessoa.

português bastante distintos. No que diz respeito ao fenômeno de Afrouxamento de Condição de Coda, não existem trabalhos, na literatura da área, que tenham se voltado à investigação de tal fenômeno na região de Pelotas, tampouco no português paraibano. Nesse sentido, nosso estudo passará, inicialmente, por uma investigação criteriosa do fenômeno de Afrouxamento da Condição de Coda nesses dois dialetos, com vistas a verificar os índices de tal fenômeno variável em cada um deles.

Definida a possível diferença referente aos índices de Afrouxamento da Condição de Coda nesses dois dialetos da L1, verificaremos os efeitos de tal fenômeno na aquisição de codas simples /p/, /k/ e /f/ na L2. O trabalho, dessa forma, visa a responder às questões norteadoras a seguir:

- 1) Os dialetos em questão (paraibano e gaúcho) se diferenciam quanto ao Afrouxamento da Condição de Coda na produção da L1? Há diferenças entre os índices de epêntese encontrados no RS e na PB?
- 2) Em caso afirmativo, tal diferença é refletida na produção das codas do inglês (L2)? A diferença dialetal é relevante na produção de codas com obstruintes na L2?
- 3) Quais variáveis (linguísticas e extralinguísticas) influenciam a produção da epêntese na L1 e na L2?

Em suma, sendo a L1 dos aprendizes o primeiro estágio de aquisição da L2, acreditamos que os padrões de saída encontrados na produção da L1 serão verificados, também, nas formas de interlíngua. Além disso, lançamos a hipótese de que as variáveis responsáveis pela variação em L1 serão verificadas, também, nos *outputs* da L2 (PEREYRON, 2008; HORA, LUCENA e PEDROSA, 2009).

## Metodologia

O estudo contou com dados de 22 aprendizes elementares<sup>2</sup> de língua inglesa, 12 gaúchos, naturais da região de Pelotas (RS), e 10 aprendizes paraibanos, da região do Brejo da Paraíba.

A coleta de dados contou com dois instrumentos, um em português e um em inglês. Em ambos os instrumentos, as palavras-alvo eram inseridas em frases-veículo (“A palavra é ...” ou “*The word is...*”), sendo apresentadas aos aprendizes através de uma apresentação em *Powerpoint*, com uma frase por slide, em um computador do tipo *laptop*.

As palavras-alvo apresentavam a coda /p/, /k/ e /f/ seguida pela plosiva coronal /t/ na sílaba seguinte (ex: optar, pacto, afta, *captain*, *doctor*, *after*). Cada um dos itens-alvo era repetido três vezes, tanto no instrumento em língua portuguesa como no instrumento em L2. Ambos

os instrumentos contavam, também, com frases com palavras distratoras (10 em português e 10 em inglês), bem como outras palavras-alvo não verificadas neste estudo, de modo a totalizar 20 frases lidas no instrumento em língua portuguesa e 40 em língua inglesa. Em função do alto número de palavras lidas, a leitura de cada um dos instrumentos era dividida em três etapas, para que os aprendizes pudessem realizar pausas, de cerca de cinco minutos, para descanso durante a coleta dos dados.

As palavras foram coletadas com o software *Audacity* – *Version 1.2.6*<sup>3</sup>. Após a coleta, todos os dados foram submetidos à análise acústica, através do software *Praat* 5.0.25 (BOERSMA e WEENINK, 2008)<sup>4</sup>. Realizada a análise acústica, os dados receberam tratamento variacionista pelo software *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005)<sup>5</sup>.

## Caracterização das variáveis controladas

O presente estudo enfoca a realização ou não de um segmento vocálico em codas mediais com obstruintes, tanto em L1 como em L2, o que nos levou a uma variável dependente binária (realização da vogal x não realização da vogal). O controle das outras variáveis visou a detectar os condicionamentos determinantes de formas como *corrup[i]to* ou *aff[i]ter*. Com base nos trabalhos que nortearam esta pesquisa (CARDOSO, 2005; PEREYRON, 2008; HORA, LUCENA e PEDROSA, 2009) e em observações parciais do *corpus* foram controladas as seguintes variáveis independentes.

### a) Sexo

Com esta variável, objetiva-se observar se existe alguma correlação entre o sexo do informante e a realização ou não da vogal. Pereyron (2008), em seu estudo sobre a inserção vocálica em L2 por aprendizes de inglês da cidade de Porto Alegre (RS), aponta que a variável *sexo* foi considerada a segunda variável social de maior relevância estatística. Trabalhamos com a hipótese de que as mulheres tendem a seguir uma pauta de fala mais ligada à língua padrão, tendência essa observada

<sup>2</sup> Para a certificação do grau elementar dos aprendizes, todos os participantes do estudo, antes de terem seus dados coletados, realizaram o *Oxford Placement Test* (Allan, 2004), que é um teste de proficiência em inglês validado em mais de 30 países.

<sup>3</sup> O software *Audacity* pode ser baixado gratuitamente através do site <http://audacity.sourceforge.net>. Aconselhamos a leitura do conteúdo do site para maiores informações acerca do programa.

<sup>4</sup> O software *Praat* pode ser baixado gratuitamente no site <http://www.fon.hum.uva.nl/praat>. Para maiores detalhes acerca do programa, aconselhamos a leitura do conteúdo da página eletrônica em questão.

<sup>5</sup> O software *Goldvarb X* pode ser baixado gratuitamente através do site da Universidade de Toronto, no endereço [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm). Aconselhamos a leitura do conteúdo do website para outras informações sobre o pacote de programas.

pela maior parte da literatura variacionista (PAIVA, 2003). Para os nossos propósitos, foi considerada como forma padrão a variante mais aproximada à produção nativa, isto é, sem a realização da epêntese.

#### b) *Dialeto*

A hipótese levantada é a de que o dialeto da L1 pode exercer influência na aquisição da L2. Para esta variável, trabalharemos com o conceito de Afrouxamento da Condição de Coda (ACC), aventado por Bisol (1999). A autora demonstra que, no dialeto gaúcho, a fricativa /f/ e as plosivas /p/, /t/ e /k/ podem ocorrer variavelmente em codas não-finais. Estudos mais aprofundados sobre o fenômeno do Afrouxamento da Coda ainda não foram realizados com o dialeto da Paraíba nem com o dialeto falado na região de Pelotas. Por essa razão, procuramos trabalhar com palavras tanto em L1 quanto em L2 para observar a produção de obstruintes em coda nas duas línguas e em ambos os dialetos.

#### c) *Tipo de segmento perdido em coda*

Para este trabalho, foram controlados apenas três tipos de segmento em coda, tanto em L1 como em L2: a) /p/, como em “ap[i]to” (L1) e “chap[i]ter” (L2); b) /k/, como em “conec[i]tar” (L1) e “doc[i]tor” (L2) e c) /f/, como em “aff[i]ta” (L1) e “aff[i]ter” (L2).

Cardoso (2005), em seu estudo sobre a interlíngua de aprendizes brasileiros de inglês, mostra que os segmentos coronais /t,d/ apresentam maior probabilidade de se realizarem como codas do que os segmentos labiais /p, b/ e dorsais /k, g/. Alves (2008), ao analisar a aquisição do inglês por aprendizes gaúchos de diferentes níveis de proficiência, também apontou ser a coda final com plosiva coronal a primeira a ser adquirida, seguida da plosiva labial e, por fim, da dorsal. Trabalhamos, portanto, com a hipótese de que os aprendizes em estágio inicial teriam mais facilidade em produzir codas com /p/ ou /f/ do que com /k/. A confirmação desta suposição nos levaria a pensar em um paradigma de aprendizagem por parte do aprendiz de L2, o que poderia subsidiar intervenções pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

#### d) *Tonicidade*

Para os dados em L1, também foi controlado a variável tonicidade, observando se a inserção do segmento vocálico se dava antes ou depois da sílaba tônica. A variável foi controlada, portanto, da seguinte maneira: a) tonicidade antes do segmento em análise, como em “aspecto” [as.ˈpɛ.ki.tu] ou “afta” [ˈa.fi.ta]; b) tonicidade depois do segmento em análise, como em “aftosa” [a.fi.ˈto.za] e “detector” [de.te.ki.ˈtor].

A hipótese sugerida aqui, em consonância com Collischonn (2002), é a de que a epêntese é favorecida

quando o segmento perdido está em posição pré-tônica (*objeto, opção*) e desfavorecida quando em posição pós-tônica (*étnico, ritmo*). Por questões de não ortogonalidade de células no atual momento da coleta de dados para esta pesquisa, preferimos excluir a variável *tonicidade* dos dados com L2. Retomaremos, em um estágio posterior de nossa pesquisa, a análise do efeito que essa variável pode exercer na aquisição da língua estrangeira.

## Discussão dos resultados

Em primeiro lugar, nosso propósito foi obter uma visão geral de como funcionava o fenômeno da epêntese, tanto em L1 e L2, nos dois dialetos em questão. Por essa razão, decidimos trabalhar com três rodadas distintas.

Na primeira rodada efetuada pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), foram considerados apenas os dados de L1, tanto do dialeto gaúcho, quanto do dialeto paraibano. Foram controladas todas as variáveis: *sexo, dialeto, tipo de segmento perdido e tonicidade*. A aplicação da regra de epêntese em língua materna apresentou resultados bastante interessantes. A frequência global foi de 60,9% de aplicação da epêntese contra 39,1% de não aplicação.

Nesta rodada, o programa selecionou apenas uma única variável estatisticamente relevante para o processo de variação: o *dialeto*. O *step-down* confirmou que o *sexo, o tipo de segmento perdido e a tonicidade* não se mostraram estatisticamente relevantes para o processo em questão.

TABELA 1 – Distribuição da epêntese na L1 (dialeto)

Dialeto	Aplicação / Total	Porcentagem	Peso relativo
Gaúcho	141 / 253	55,7	0,44
Paraibano	178 / 271	65,7	0,55

Input: .61

Significância: .020

Como é possível observar na Tabela 1, o dialeto paraibano apresenta peso relativo de 0,55 para aplicação da regra de epêntese, enquanto que o dialeto gaúcho apresenta 0,44. Embora os números não revelem uma discrepância acentuada entre os dois falares, é possível afirmar que a variante gaúcha fica mais à vontade com sílabas travadas com coda, o que confirma a hipótese de que é possível falarmos em um processo de Afrouxamento da Condição de Coda na região de Pelotas (RS), embora aconteça de maneira tímida. Em contrapartida, o dialeto paraibano refuta mais essa coda, ficando mais à vontade com as sílabas abertas, como em “corrupto” [ko.ˈhu.pi.tu] e “pacto” [ˈpa.ki.tu].

Na segunda rodada, foram levadas em consideração apenas as ocorrências em L2, tanto por aprendizes de inglês que falam o dialeto gaúcho como por aprendizes que

falam o dialeto paraibano. Foram controladas as variáveis: *sexo*, *dialeto* e *tipo de segmento perdido*. Conforme mencionado, foi retirada da rodada a variável *tonicidade*, por não apresentar casos de não ortogonalidade.

Neste caso, a frequência global foi de 21,2% de aplicação da epêntese contra 78,8% da não aplicação, o que parece indicar que o estágio de aquisição de codas com obstruintes já se inicia logo cedo no processo de aquisição da língua estrangeira (ZIMMER, 2004; ZIMMER et al., 2009).

O *step-up* do programa selecionou como estatisticamente relevante apenas o *tipo de segmento perdido em coda*. O *step-down* confirmou o resultado, apresentando o *sexo* e o *dialeto* como estatisticamente irrelevantes para o processo de inserção vocálica em L2. De fato, se nos ativermos às porcentagens, observaremos que os números se mostraram próximos (23% de epêntese nos aprendizes paraibanos de inglês e 19,4% nos aprendizes gaúchos de inglês). Essa informação, à primeira vista, poderia ser tomada como contrária às nossas expectativas de que o Afrouxamento da Condição de Coda poderia facilitar a aquisição de codas por parte dos falantes do dialeto gaúcho. Entretanto, é necessário considerar o fato de que, ainda que a pesquisa em questão tenha sido desenvolvida com alunos de nível de proficiência básico em L2, os baixos índices de epêntese apresentados demonstram que, pelo menos na aquisição dos padrões silábicos da língua-alvo, tais aprendizes já exibem um sistema de interlíngua bastante diferente do de L1, em direção a uma gramática que resulte nas formas-alvo. Dessa forma, conclusões definitivas sobre os possíveis efeitos do dialeto da língua-materna são difíceis de serem atingidas, uma vez que a gramática dos aprendizes já se mostra bastante afastada deste sistema inicial. Reconhecemos, inegavelmente, que, quanto mais próximo for o sistema de interlíngua do aprendiz àquele de L1 (o que parece não ser o caso dos informantes de nosso *corpus*), maiores as possibilidades de comprovação dos efeitos exercidos pelas diferenças dialetais em língua materna. Além disso, devemos dizer que julgamos ser ainda cedo para refutarmos qualquer indicação, sendo necessário um maior número de dados empíricos para termos a certeza dessa exclusão. De fato, como veremos mais adiante, quando os dados de L1 e L2 são rodados juntos, a variável dialeto passa a exercer influência na realização da epêntese.

Conforme mencionado, a única variável selecionada pelo programa Goldvarb X nos dados de L2 foi o *segmento perdido em coda*. Os dados confirmaram parcialmente nossa hipótese de que o segmento labial fosse adquirido mais cedo no processo de aprendizagem da língua estrangeira. De fato, o segmento labial /p/ é o que menos propicia a realização da coda, com peso relativo de 0,34. Por sua vez, codas encerradas pelo segmento labial /f/ são mais propensas a serem realizadas com inserção

vocálica, com peso relativo de 0,64, como é possível observar na Tabela 2. Tal fato, entretanto, não pode ser considerado como totalmente surpreendente, uma vez que a mesma tendência foi encontrada nos dados de coda final do *corpus* de Alves (2008): a coda /k/ revelou-se como a mais difícil de ser adquirida, seguida de /f/, e, posteriormente, de /p/<sup>6</sup>.

TABELA 2 – Distribuição da epêntese na L2 (segmento perdido em coda)

Segmento	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
/p/	12 / 101	11,9	0,34
/k/	23 / 113	20,4	0,50
/f/	32 / 102	31,4	0,64

Input: .20

Significância: .005

Exemplos: “*chap[i]ter*”, “*doc[i]tor*” e “*aff[i]ter*”.

Na terceira rodada, decidimos incluir tanto os dados de L1, como os dados de L2. Foram controladas todas as variáveis: *sexo*, *dialeto*, *tipo de consoante perdida* e *tonicidade*. Foram levantadas 840 ocorrências, dentre as quais 386 foram de aplicação (isto é, de epêntese) e 454 de não aplicação (isto é, produção da coda). A frequência global, portanto, foi de 46 % para a epêntese e 54% para a coda. A Tabela 3 ilustra a frequência global da epêntese das três rodadas realizadas:

TABELA 3 – Frequência global da epêntese nas rodadas realizadas

	Rodada 1 (L1)	Rodada 2 (L2)	Rodada 3 (L1+L2)
Frequência	60,9%	21,2%	46%

Pela tabela, observamos que os dados de L2 são os que menos favorecem a realização da epêntese, o que talvez se explique pelo fato de que, desde o início do processo de aprendizagem de L2, os alunos já se monitoram para a produção da coda com obstruinte. Além disso, conforme já observamos, ainda que o *Oxford Placement Test* tenha apontado tais aprendizes como pertencentes ao nível básico, não podemos nos esquecer de que os informantes de nosso estudo são, de fato, alunos de cursos de Graduação em Letras – Inglês, o que pode garantir um maior contato, por parte de tais aprendizes,

<sup>6</sup> Em sua análise à luz da Teoria da Otimidade, Alves (2008) atribui a aquisição tardia de /f/, em comparação a /p/, à própria formalização das restrições que representam oposições à emergência de tais segmentos em coda. De acordo com tal formalização, baseada na noção de conjuntos de restrições de caráter estrigente, a restrição que se opõe a /p/ pode ser removida tanto com exemplares de /p/, quanto de /k/, na evidência positiva (uma vez que a aquisição da plosiva dorsal implica, sob tal formalização de restrições estridentes baseadas na escala de marcação de ponto, a aquisição da plosiva labial). Por sua vez, dado o fato de que a evidência positiva do inglês, ao que o aprendiz é exposto, não conta com fricativas dorsais em posição final, a restrição que se opõe a /f/ é removida, unicamente, a partir de exemplares de tal segmento no *input*. Explica-se, assim, a aquisição mais tardia da fricativa labial, se comparada à plosiva de mesmo ponto.

com a língua-alvo. Dessa forma, é possível, conforme já afirmamos, que o sistema de gramática dos aprendizes, no que diz respeito à aquisição dos padrões silábicos da L2, já se mostre bastante afastada daquele da L1, de modo que os efeitos do sistema do dialeto de L1 não sejam já tão facilmente sentidos, visto o estágio de avanço no processo de aquisição, para este fato fonológico em específico.

O Goldvarb X selecionou apenas 2 variáveis como estatisticamente relevantes: o *dialeto* e a *tonicidade*. O fato de o *step-up* ter selecionado o *dialeto* é um dado interessante, pois tal variável havia sido descartada quando colocadas apenas as ocorrências em L2, o que nos faz pensar se realmente o dialeto da L1 parece ser relevante na questão da inserção vocálica na L2 (embora esta variável aqui possa ter sido selecionada unicamente pela inserção de dados da L1). Esses resultados são mostrados na Tabela 4, a seguir, com peso relativo de 0,54 para o dialeto paraibano e 0,45 para o dialeto gaúcho.

TABELA 4 – Distribuição da epêntese na L1+L2 (dialeto)

Dialeto	Aplicação / Total	Porcentagem	Peso relativo
Gaúcho	171 / 408	41,9	0,45
Paraibano	215 / 432	49,8	0,54

Input: .60  
Significância: .000

Também é importante mencionar que os pesos relativos concernentes ao dialeto nesta rodada são muito próximos àqueles obtidos na primeira rodada, quando apenas os dados de L1 foram considerados. Na Tabela 5, podemos visualizar os pesos relativos dos dois dialetos nas duas rodadas em que foram selecionados como estatisticamente relevantes pelo *step-up* do programa.

TABELA 5 – Peso relativo referente à variável dialeto

Dialeto	Rodada 1 (L1)	Rodada 3 (L1+L2)
Gaúcho	0,44	0,45
Paraibano	0,55	0,54

Como se pode observar, os dados são muito semelhantes, mesmo com a junção das ocorrências em L2.

A outra variável significativamente relevante apontada pelo programa foi a *tonicidade*. A Tabela 6 expressa esses resultados, mostrando que, quando o segmento se encontra antes da sílaba tônica, existe uma menor aplicação da regra, isto é, uma menor probabilidade de ocorrência da epêntese (peso relativo de 0,46). O ambiente favorecedor da epêntese é justamente quando o segmento se encontra após a sílaba tônica, com peso relativo de 0,53. Os resultados encontrados são contrários aos resultados obtidos por Collischonn (2002), em estudo realizado a partir de língua materna. No entanto, em sua pesquisa sobre L2, Pereyron (2008) mostra que

o acento foi descartado em todas as rodadas. A autora, em seu estudo sobre epêntese na interlíngua de falantes brasileiros aprendizes de inglês, chegou a resultados parecidos aos de Cardoso (2005): o acento (*tonicidade*) não é determinante para a ocorrência da epêntese. Por essa razão (e também pelo fato de os números do peso relativos estarem próximos à neutralidade (0,50)), acreditamos que é cedo para tecer comentários mais categóricos referentes a esse resultado.

TABELA 6 – Distribuição da epêntese na L1+L2 (*tonicidade*)

Tonicidade	Aplicação / Total	Porcentagem	Peso relativo
Antes	148 / 259	57,1	0,46
Depois	171 / 265	64,5	0,53

Input: .60  
Significância: .000

O *step-down* desta terceira rodada descartou o *tipo de segmento perdido* e o *sexo* como estatisticamente relevantes para o fenômeno em questão.

## Considerações finais

Como podemos observar na três rodadas, o status das variáveis é bem definido e, em todos os casos, o processo de *step-up* foi confirmado pelo *step-down*, havendo uma distribuição complementar entre variáveis descartadas e variáveis selecionadas, conforme ilustrado no Quadro 1.

QUADRO 1 – Variáveis independentes selecionadas e descartadas

	Rodada 1 (L1)	Rodada 2 (L2)	Rodada 3 (L1+L2)
Variáveis selecionadas	Dialeto	Tipo de segmento	Dialeto Tonicidade
Variáveis descartadas	Sexo Tipo de segmento Tonicidade	Sexo Dialeto Tonicidade	Sexo Tipo de segmento

Pelo Quadro 1, observamos que não é possível fazer qualquer constatação a respeito da influência de variáveis como *tipo de segmento perdido em coda* e *tonicidade* no estudo aqui em questão. No entanto, podemos tirar conclusões parciais a respeito das variáveis *sexo* e *dialeto*.

O *sexo* foi a única variável excluída de todas as rodadas, o que parece demonstrar que não é relevante para o fenômeno em questão. O *dialeto*, por outro lado, apesar de ter sido descartado pela rodada 2, apareceu como relevante em duas rodadas, o que nos leva a considerar nossa primeira hipótese, a de que o dialeto materno pode exercer influência na aquisição/aprendizagem de L2. Conforme já discutimos, talvez os efeitos do dialeto de L1 tivessem se mostrado ainda mais claros, caso os aprendizes apresentassem um estágio de aquisição mais próximo da L1, o que não foi o caso. O Quadro 1, portanto, nos permite

responder à terceira questão formulada neste trabalho, referente às variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciariam a produção da epêntese na L1 e na L2.

A partir dos dados aqui discutidos, também podemos responder à primeira questão levantada neste trabalho, ao mostrarmos que realmente existem diferenças entre os índices de epêntese encontrados no Rio Grande do Sul e na Paraíba. É possível falar em uma tendência mais forte do dialeto falado em Pelotas para o Afrouxamento da Condição de Coda e que esta tendência não é confirmada no dialeto paraibano.

A resposta para a segunda questão norteadora levantada neste artigo, no entanto, é um pouco mais problemática. Os números apontam que a variável *dialeto* é estatisticamente relevante, tanto para os dados em L1 como para os dados de L2 (juntos com os de L1). No entanto, quando os dados de L2 foram isolados, a variável não se mostrou estatisticamente relevante para o fenômeno. Novamente, acreditamos que tal fato se deva ao estágio de aquisição da estrutura silábica em que se apresentam os aprendizes, em ambos os grupos pesquisados. Uma vez que tanto os aprendizes gaúchos quanto os paraibanos já apresentam índices bastante baixos de epêntese na L2, mostrando-se, portanto, em estágios desenvolvimentais avançados e bem próximos um do outro, a possível diferença que poderia haver entre os dois grupos de aprendizes, que seria reflexo do dialeto de L1 destes informantes, mostra-se atenuada. Sugere-se para estudos futuros que a seleção de informantes tenha o cuidado de buscar aprendizes que tenham tido pouco contato com a L2, o que não parece ser o caso dos graduandos de Letras gaúchos e paraibanos cujos dados compuseram nosso *corpus*.

Tendo respondido às questões de pesquisa que embasaram a presente investigação, encerramos o presente trabalho discutindo a sua relevância para diferentes áreas da Linguística. Acreditamos que o estudo cujos resultados foram aqui apresentados se mostra pertinente para os pesquisadores envolvidos não somente com a área de aquisição fonológica de primeira e segunda língua. De fato, a pesquisa deverá ser pertinente, também, para os estudiosos do sistema fonológico do português brasileiro, sobretudo aqueles voltados às questões da variação linguística.

No que diz respeito à área de Aquisição Fonológica de L2, acreditamos que o presente trabalho venha a prestar uma contribuição não somente sob a esfera analítico-teórica, mas também sob a empírica. Ressaltamos o caráter inédito de investigações de sistemas de L2 formados a partir de uma gramática variável da L1, o que, além de aproximar as áreas de Variação e Aquisição, contribui para a formação de uma nova sub-área de investigação na esfera dos estudos de aquisição de segunda língua.

A análise de aquisição que aqui propomos se mostra como um meio através do qual obteremos, também, um maior entendimento do português brasileiro, no que diz respeito ao fenômeno do Afrouxamento de Condição de Coda. Nesse sentido, não somente estaremos contribuindo para uma análise formal do fenômeno variável, mas, inclusive, com uma descrição de tal fenômeno em dois diferentes dialetos do país (Região Sul do Rio Grande do Sul e Brejo da Paraíba). Ao tratarmos do Afrouxamento da Condição de Coda na L1, podemos também pensar em uma contribuição do presente estudo para o entendimento analítico-teórico de fenômenos linguísticos variáveis. Em nossa análise, teremos a preocupação de formalizar dois tipos de variação: a encontrada na L1, sob os plano inter e intra-dialetal, e os padrões silábicos variáveis encontrados ao longo do processo de aquisição da segunda língua, resultantes, portanto, do sistema interlinguístico dos aprendizes. Ressaltemos, assim, nossa convicção teórica de que *outputs* variáveis, independentemente de serem advindos da gramática da língua mãe, da hierarquia do sistema-alvo ou das hierarquias desenvolvimentais em direção às formas da L2, devem ser formalizados sob o mesmo mecanismo e princípios de análise.

Esperamos, dessa forma, ter dado um primeiro passo frente a uma aproximação entre as áreas de Variação Linguística e Aquisição da Linguagem, de modo a ressaltarmos o papel da variação, não somente a da L1, mas a que caracteriza o sistema de interlíngua, como inerente ao processo de aquisição de segunda língua.

## Referências

- ALLAN, D. *Oxford Placement Test 1*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALVES, U. K. *A aquisição das seqüências finais de obstruintes do inglês (L2) por falantes do Sul do Brasil: análise via Teoria da Otimidade*. 296 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BAPTISTA, B.O.; SILVA-FILHO, J.L.A. The influence of voicing and sonority relationships on the production of English final consonants. In: BAPTISTA, B.O.; WATKINS, M.A. *English with a Latin beat: Studies in Portuguese/Spanish-English Interphonology*. Ed. John Benjamins, 2006. p. 73-90.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M.H.M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. VII: Novos estudos. p. 701-742.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *PRAAT – Doing phonetics by computer – version 5.0,25*. 2007.
- BROSELOW, E.; CHEN, S.; WANG, C. The emergence of the unmarked in Second Language Phonology. *Studies in Second Language Acquisition* n. 20, p. 261-280, 1998.
- CARDOSO, W. The variable acquisition of English Word-Final stops by Brazilian Portuguese speakers. *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*. Ed. Laurent Dedytspotter et al. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005. p. 38-49.

- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. EDIPUCRS, 2002. p. 205-230.
- DAVIDSON, L.; JUSCZYK, P.; SMOLENSKY, P. The initial and final states: theoretical implications and experimental explorations of Richness of the Base. In: KAGER, R.; PATER, J.; ZONNEVELD, W. *Constraints in Phonological Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 321-368.
- HANCIN-BHATT, B.; BHATT, R. M. Optimal L2 syllables – interactions of transfer and developmental effects. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 19, p. 331-378, 1998.
- HORA, D.; LUCENA, R.M.; PEDROSA, J.L.R. A inserção vocálica após a coda silábica: uma abordagem variacionista. In: HORA, D. *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia/Editora da UFPB, 2009.
- PAIVA, M.C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.
- PATER, J. Minimal violation and phonological development. *Language Acquisition*, v. 6, p. 201-253, 1997.
- PEREYON, L. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.
- SILVEIRA, R. *The influence of pronunciation instruction on the perception and the production of English word-final consonants*. 274 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- ZIMMER, M.C. *A transferência do conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro (L1) para o inglês (L2) na recodificação leitora: uma abordagem conexionista*. 187 folhas. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- ZIMMER, M.C.; SILVEIRA, R.; ALVES, U.K. *Pronunciation instruction for Brazilians: bringing theory and practice together*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2009.

Recebido: 01.03.2010

Aprovado: 08.03.2010

Contato: <ukalves@gmail.com>; <rubenslucena@yahoo.com>